

Machado de Assis

Máximas, pensamentos  
e ditos agudos

*Seleção e apresentação de*  
HÉLIO GUIMARÃES



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Penguin-Companhia das Letras  
Copyright da seleção apresentação © 2017 by Hélio Guimarães

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

REVISÃO  
Ana Maria Barbosa  
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Assis, Machado de, 1839-1908

Máximas, pensamentos e ditos agudos / Machado de Assis; seleção e apresentação de Hélio Seixas Guimarães. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Bibliografia

ISBN 978-85-8285-063-3

1. Assis, Machado de 1839-1908 – Crítica e interpretação  
2. Crônicas – Coletâneas – Literatura 3. Escritores – Biografia  
4. Pensamentos – Citações, máximas etc. 1. Guimarães, Hélio  
II. Título.

17-07581

CDD-869.9309

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Machado de Assis : Literatura brasileira :  
Crítica e interpretação 869.9309

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[...] duas ou três citações mais, que um estilista  
deve trazer sempre na algibeira  
[Carta prefácio a *Névoas matutinas*,  
24 de janeiro de 1872]

# Sumário

Apresentação	9
O autor sobre si mesmo	13
O Rio de Janeiro e outras paragens	20
O Brasil e a política	26
Costumes e novidades do século	39
Letras, livros e leitores	46
O ofício de escrever	59
Vícios e virtudes	65
O tempo e outras passagens	71
Questões de vida e morte	77
A posteridade e a glória	82
Admirações	88
Frases ao acaso	96
<i>Fontes consultadas</i>	101

## Apresentação

Este livro é composto de trechos selecionados da correspondência, das crônicas e dos textos críticos escritos por Machado de Assis durante meio século, de 1858 até as vésperas de sua morte, em 29 de setembro de 1908. Diferentemente de outros livros de citações, que incluem também frases pinçadas de romances, contos, peças de teatro e poemas, aqui optamos por considerar apenas seus textos não ficcionais, reunindo desde frases curtas até textos mais longos. Com isso, pensamos nos aproximar um pouco mais das Grandes Ideias de Machado de Assis, em acordo com o espírito desta coleção.

O conjunto dos trechos selecionados indica a posição do escritor diante das principais questões do seu tempo e lugar e dá mostra da agilidade, precisão e graça de sua escrita.

Divididos em assuntos, os excertos que compõem cada seção estão dispostos em ordem cronológica, de modo que o leitor poderá observar como o escritor tratou de determinado tópico ao longo do tempo. Assim, é possível verificar, a cada seção, como o jovem de opiniões impetuosas e um tanto sisudas vai cedendo espaço às meias-tintas e relativizações galhofeiras e também melancólicas da maturidade.

Embora tudo o que consta das próximas páginas tenha sido escrito por Machado de Assis, à exceção dos títulos das seções e do que vem entre colchetes [informações in-

cluídas para fornecer referência ou contexto ao leitor], nem tudo corresponde obrigatoriamente à opinião do homem Joaquim Maria Machado de Assis.

Entre a expressão do escritor e as convicções do homem se interpõe a célebre ironia machadiana. Constitutiva dos textos ficcionais — neles, o isolamento de trechos e frases muitas vezes deixa o leitor sem contexto —, a ironia também incide sobre esses textos não ficcionais, em diferentes níveis e intensidades.

De modo que se recomenda ler com cuidado, não desprezando o que vai nas entrelinhas das Grandes Ideias machadianas sobre literatura, política, sociedade, vícios, virtudes, vida, morte, posteridade e glória. Muitas das frases são de uma espantosa atualidade, não porque o escritor previsse o futuro, mas porque entre o seu tempo e o nosso muita coisa permaneceu intacta, no Brasil e no mundo.

Inspirou-me na organização deste livro a opinião que o próprio Machado expressou em 30 de janeiro de 1870, na *Semana Ilustrada*, sobre um volume então recém-lançado de Moreira de Azevedo: “É uma coleção de anedotas, ditos agudos, curiosidades, máximas e pensamentos [...]. Livro desprezioso, mas interessante, e revelador dos estudos e fadigas a que se dá o autor nos assuntos da história pátria. [...] Nem todos calculam o trabalho que dá muitas vezes a composição de um livro como este *Mosaico brasileiro*; mas o autor acha boa paga na satisfação de ter feito um livro útil”.

Assim como Machado, também espero que este seja um livro útil para os leitores, revelador do percurso de uma escrita e convite a outras leituras de Machado de Assis.

\* \* \*

A tarefa de seleção dos trechos foi enormemente facilitada pelas recentes edições comentadas e fartamente anotadas da correspondência, das crônicas e dos escritos

críticos de Machado de Assis. Essas edições e seus respectivos organizadores estão referidos no final deste volume, na seção “Fontes consultadas”, que serve de guia para conhecer melhor o contexto das frases aqui citadas, em edições fidedignas.

Os excertos estão transcritos conforme aparecem na melhor publicação que conhecemos do texto, o que às vezes exigiu o cotejo com a primeira publicação nos jornais e revistas do século XIX. Por isso, uma citação pode começar em letra minúscula e não ter pontuação final, já que se optou por não acrescentar nenhuma pontuação ao trecho extraído da publicação original. Logo após cada trecho transcrito, indicamos de onde foi extraído. No caso das crônicas e dos textos críticos, constam o nome da série ou seção, o título do jornal ou da revista e a data de publicação. No caso da correspondência, informamos sempre o destinatário e a data.

Por fim, agradeço a Ieda Lebensztayn e John Gledson pelas leituras atentas e sugestões precisas e preciosas.

## O autor sobre si mesmo

É costume entre a gente trocar os bilhetes de visita a primeira vez que se encontra. Na Europa, ao menos, é tão necessário trazer um maço de bilhetes, como trazer um lenço. V. Excia. terá desejo de saber quem sou: di-lo-ei em poucas palavras.

Se a velhice quer dizer cabelos brancos, se a mocidade quer dizer ilusões frescas, não sou moço nem velho. Realizo literalmente a expressão francesa: *Un homme entre deux âges*. Estou tão longe da infância como da decrepitude; não anseio pelo futuro, mas também não choro pelo passado. Nisto sou exceção dos outros homens que, de ordinário, diz um romancista, passam a primeira metade da vida a desejar a segunda, e a segunda a ter saudades da primeira. [...]

Não sou votante nem eleitor, o que me priva da visita de algumas pessoas de consideração em certos dias, gozando aliás da estima deles no resto do ano, o que me é sobremaneira agradável. Ao mesmo tempo poupo-me às lutas da igreja e às corrupções da sacristia.

Não privo com as musas, mas gosto delas. Leio por instruir-me; às vezes por consolar-me. Creio nos livros e adoro-os. Ao domingo leio as *Santas Escrituras*; os outros dias são divididos por meia dúzia de poetas e prosadores da minha predileção; consagro a sexta-feira à Constituição do Brasil, e o sábado aos manuscritos que me dão para ler. Quer tudo isto dizer que à sexta-feira admiro os



nossos maiores, e ao sábado durmo a sono solto. No tempo das câmaras leio com frequência o padre Vieira e o padre Bernardes, dois grandes mestres.

Quanto às minhas opiniões públicas, tenho duas, uma impossível, outra realizada. A impossível é a república de Platão. A realizada é o sistema representativo. É sobretudo como brasileiro que me agrada esta última opinião, e eu peço aos deuses (também creio nos deuses) que afastem do Brasil o sistema republicano porque esse dia seria o do nascimento da mais insolente aristocracia que o sol jamais alumiou...

Não frequento o paço, mas gosto do imperador. Tem as duas qualidades essenciais ao chefe de uma nação: é esclarecido e honesto. Ama o seu país e acha que ele merece todos os sacrifícios.

Aqui estão os principais traços da minha pessoa. Não direi a V. Excia. se tomo sorvetes, nem se fumo charutos de Havana; são ridiclezas que não devem entrar no espírito da opinião pública.

[“Cartas Fluminenses”, *Diário do Rio de Janeiro*,  
5 de março de 1867]

Sabe que não sou político, nem advogo nenhum interesse militante. Vejo as coisas com a imparcialidade fria da razão. Amigo das instituições que nos legaram, admirador da vida política de Inglaterra desejo que se estabeleça entre nós por maneira estável o governo da opinião.

[*Imprensa Acadêmica*, 14 de agosto de 1868]

Infelizmente não disponho de tribuna, sou apenas um pobre-diabo, condenado ao lado prático das coisas; de mais a mais míope, cabeçudo e prosaico.

[“Notas Semanais”, *O Cruzeiro*,  
16 de junho de 1878]

Aos vinte anos, começando a minha jornada por esta vida pública que Deus me deu, recebi uma porção de ideias feitas para o caminho. Se o leitor tem algum filho prestes a sair, faça-lhe a mesma coisa. Encha uma pequena mala com ideias e frases feitas, se puder, abençoe o rapaz, e deixe-o ir.

Não conheço nada mais cômodo. Chega-se a uma hospedaria, abre-se a mala, tira-se uma daquelas coisas, e os olhos dos viajantes faíscam logo, porque todos eles as conhecem desde muito, e creem nelas, às vezes mais do que em si mesmos. É um modo breve e econômico de fazer amizade.

Foi o que me aconteceu. Trazia comigo na mala e nas algibeiras uma porção dessas ideias definitivas, e vivi assim, até o dia em que ou por irreverência do espírito, ou por não ter mais nada que fazer, peguei de um quebra-nozes e comecei a ver o que havia dentro delas. Em algumas, quando não achei nada, achei um bicho feio e visguento.

[“Balas de Estalo”, *Gazeta de Notícias*, 3 de abril de 1885]

Ninguém sabe o que sou quando rumino. Posso dizer, sem medo de errar, que rumino muito melhor do que falo. A palestra é uma espécie de peneira, por onde a ideia sai com dificuldade, creio que mais fina, mas muito menos sincera. Ruminando, a ideia fica íntegra e livre. Sou mais profundo ruminando; e mais elevado também.

[“Bons Dias!”, *Gazeta de Notícias*, 21 de janeiro de 1889]

Eu não sou homem que recuse elogios. Amo-os; eles fazem bem à alma e até ao corpo. As melhores digestões da minha vida são as dos jantares em que sou brindado.

[“A Semana”, *Gazeta de Notícias*, 25 de setembro de 1892]

Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei [da abolição da escravatura], que a

regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu o mais encolhido dos caramujos, também eu entrei no préstito, em carruagem aberta, se me fazem favor, hóspede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto.

[“A Semana”, *Gazeta de Notícias*, 14 de maio de 1893]

Já uma vez disse, e ora repito: não nasci para os estos do verão. Quem me quiser, é com invernos. Deus, se eu lhe merecesse alguma coisa, diria ao estio de cada ano: “Vai, estio, faze arder a tudo e a todos, menos o meu fiel servo, o semanista da *Gazeta*, não tanto pelas virtudes que o adornam e são dignas de apreço particular, como porque lhe dói suar e bufar, e os seus padecimentos afligiriam ao próprio céu”. Mas Deus gosta de parecer, às vezes, injusto. Essa exceção, que não faria a mais ninguém, para não vulgar o benefício, mostraria ainda uma vez um ato de alta justiça divina. A exceção só é odiosa para os outros; em si mesma é necessária.

[“A Semana”, *Gazeta de Notícias*, 18 de fevereiro de 1894]

Não se importe de não ser alegre; também eu o não sou, ainda que pareça menos triste. Mas há em tudo um limite. Sacuda de si esse mal. A arte é um bom refúgio; perdoe a banalidade do dito em favor da verdade eterna.

[Carta a Magalhães de Azeredo, 3 de setembro de 1895]

Eu, posto creia no bem, não sou dos que negam o mal, nem me deixo levar por aparências que podem ser falazes. As aparências enganam; foi a primeira banalidade que aprendi na vida, e nunca me dei mal com ela. Daquela disposição nasceu em mim esse tal ou qual espírito de contradição que

alguns me acham, certa repugnância em execrar sem exame vícios que todos execram, como em adorar sem análise virtudes que todos adoram. Interrogo a uns e a outros, dispo-os, palpo-os, e se me engano, não é por falta de diligência em buscar a verdade. O erro é deste mundo.

[“A Semana”, *Gazeta de Notícias*, 14 de junho de 1896]

Não achareis linha cética nestas minhas conversações dominicais. Se destes com alguma que se possa dizer pessimista, adverte que nada há mais oposto ao ceticismo. Achar que uma coisa é ruim, não é duvidar dela, mas afirmá-la. O verdadeiro cético não crê, como o Dr. Pangloss, que os narizes se fizeram para os óculos, nem, como eu, que os óculos é que se fizeram para os narizes; o cético verdadeiro descrê de uns e de outros. Que economia de vidros e de defluxos, se eu pudesse ter esta opinião!

[“A Semana”, *Gazeta de Notícias*, 28 de fevereiro de 1897]

[...] eu amo os meus defeitos, são talvez as minhas virtudes.

[Carta a Magalhães de Azeredo, 10 de janeiro de 1898]

A parte relativa ao que se achou de humorismo e pessimismo nos últimos livros é tratada com fina crítica, e acerta comigo, cuja natureza teve sempre um fundo antes melancólico que alegre. A própria timidez, ou o que quer que seja, me terá feito limitar ou dissimular a expressão verdadeira do meu sentir, sem contar que a experiência é vento mais propício a estas flores amarelas...

[Carta a Magalhães de Azeredo, 10 de maio de 1898]

Os anos, meu amigo, de certo ponto em diante andam muito depressa. Sabe quantos conto já? Entrei nos sessenta.

Não escrevo em algarismo para me não afligir a vista. Ponha sobre isto o constante e crescido trabalho administrativo, e diga-me se pode haver nestes ossos muito que espremer para a literatura. Feliz ou infelizmente, como é vício velho, vou cachimbando o meu pouco.

[Carta a Magalhães de Azeredo, 7 de novembro de 1899]

Sobre minha *verte vieillesse*, não sei se ainda é verde, mas velhice é, a dos anos e a do enfado, cansaço ou o que quer que seja que não é já mocidade primeira nem segunda.

[Carta a José Veríssimo, 5 de janeiro de 1900]

Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto.

[“A Semana”, *Gazeta de Notícias*, 11 de novembro de 1900]

Eu, apesar do pessimismo que me atribuem, e talvez seja verdadeiro, faço às vezes mais justiça à Natureza do que ela a nós. Não posso negar que ela respeita alguns dos melhores, e estou que os fere por descuido, mas logo se emenda e põe o bálsamo na ferida.

[Carta a Salvador de Mendonça, 29 de agosto de 1903]

Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada.

[Carta a Joaquim Nabuco, 20 de novembro de 1904]

O que faço é não me mostrar a todos tal qual ando; muitos me acharão alegre e ainda bem.

[Carta a Mário de Alencar, 20 de abril de 1908]

[...] chegado ao fim da carreira é doce que a voz que nos anime a mesma voz antiga que nem a morte nem a vida fizeram calar.

[Carta a Salvador de Mendonça, 7 de setembro de 1908]